

Despatologiza

Diana Lúcia Teixeira de Carvalho

Submissão em 10/01/2016; Aprovação em 30/04/2016

RESUMO

O objetivo desse caso é permitir uma reflexão sobre temáticas da disciplina de Marketing e Sociedade por meio do contexto de um movimento social, que se coloca como resistente o fenômeno da medicalização. Esse caso, portanto, narra a formação e atuação do movimento social Despatologiza. Em 2014, após mais de trinta anos trabalhando com uma abordagem despatologizante e publicando sobre medicalização na Educação, principalmente, Maria Aparecida Moysés e Cecília Collares, criaram, em Campinas/SP, o Despatologiza: movimento pela despatologização da vida. Quase dois anos depois, o movimento tem se expandido para outras cidades brasileiras, e já possui grupos em Belo Horizonte e Recife, com outros se formando. A luta do Despatologiza é por modos de atuar e de viver despatologizantes, buscando desconstruir as classificações medicalizantes que são observadas em todos os aspectos da vida. Assim, o movimento se pauta em três eixos de atuação: científico, político e ético, com a realização de ações relativas a cada um deles, e é formado por um grupo aberto, no qual não há regulamentos nem obrigações formais. Apesar disso, conta com boas parcerias que facilitam as suas ações, embora ainda necessite de recursos financeiros, que por vezes precisam ser captados pelos membros do movimento. Assim, a atuação do Despatologiza no eixo político já tem gerado resultados de grande impacto social, como a implementação do Protocolo de Dispensação do Metilfenidato, tanto em Campinas quanto em São Paulo. Sobre o Despatologiza Recife, seu contexto de atuação encontra algumas dificuldades, como a falta de recursos e de parceiros que facilitem suas ações, embora já conte com o apoio de muitos em termos de discurso. Patrícia Guimarães tem buscado trabalhar seus recursos da melhor maneira possível, inclusive tentando implementar o Protocolo em Recife também. Mais recentemente, diante de algumas demandas, inclusive desses novos grupos, surgiu a discussão sobre a possibilidade de formalizar o Despatologiza, transformando-o em um instituto. Porém, essa não é uma questão consensual. Ainda há muito o que se discutir.

PALAVRAS-CHAVE

Marketing e Sociedade, Movimento Social, Medicalização, Despatologização.

1. INTRODUÇÃO

No cenário paradisíaco de Porto de Galinhas, diante de um mar azul esverdeado e sentindo a brisa quente da maresia, Maria Aparecida, Cecília e Patrícia aproveitavam uma tarde de terça-feira, depois do II Encontro “Construindo Vidas Despatologizadas”, que ocorrera em Recife e Caruaru há uns dias. O descanso era merecido, as conversas eram diversas e divertidas, e trabalho era a última das preocupações que queriam nesse momento. Mas o Despatologiza não era trabalho. Ou até seria. Na verdade, era um trabalho já incorporado, de essência, de existência. Assim, vira e mexe era o assunto entre as três. Coquetéis, petiscos, sombra, mar e a discussão sobre formalização. Seria viável tornar o Despatologiza mais do que um movimento social?

2. NASCE O DESPATOLOGIZA

Como em toda causa social

*A luta do Despatologiza é visceral
Nasceu da experiência profissional
De um tratar singular e contextual*

*Anos de estudo e publicação
Sobre medicalização
E a busca por disseminar a despatologização
O foco é a vida e a educação*

A história do Despatologiza é antiga, embora sua formação seja recente. As protagonistas do movimento social há mais de trinta anos trabalham com práticas despatologizantes. Maria Aparecida Afonso Moysés formou-se médica com residência em pediatria. Já nesse período, na década de 70, como atendente médica, surgiu a oportunidade de trabalhar com crianças em idade escolar, faixa etária pouco considerada no curso. Sua experiência trouxe a percepção de que as grandes queixas dessa idade estavam baseadas preferencialmente em aspectos de comportamento e aprendizagem, o que fazia dessas crianças alvos potenciais para práticas medicalizantes.

A partir de então começaram os estudos e as publicações na temática da medicalização, com foco nas questões que envolvem a criança na idade escolar. Da tese de doutorado, em 1979, ao primeiro artigo brasileiro publicado sobre o assunto, em 1982, Maria Aparecida nunca mais parou de debater e ensinar formas despatologizantes de enxergar a criança e seu universo.

Paralelamente, Cecília Azevedo Lima Collares trabalhava com essas práticas no campo da educação. Durante seu doutorado, obtido em 1982, pesquisava a “Influência da Merenda Escolar no Rendimento em Alfabetização”, título da sua tese. Maria Aparecida e Cecília ainda não se conheciam, o que só veio a acontecer em 1984, quando começaram a trabalhar juntas. Elas lembram que, nessa época, muitas pessoas estavam inquietas com o assunto, mas que poucas eram as que se dispunham a pesquisar e escrever sobre medicalização.

Na Psicologia, Maria Helena Patto, com a Produção do Fracasso Escolar, tinha uma bela discussão sobre medicalização. Entretanto, na Educação e na Medicina a produção acadêmica era medicalizante. Assim, nesse período, eram apenas as três produzindo na contramão.

Além de produção acadêmica, Maria Aparecida e Cecília viajaram o país ministrando cursos para professores sobre medicalização, com duração de uma ou duas semanas, a convite dos dirigentes da rede pública de educação. Mas, nas palavras de Cecília, elas já deram “curso do Oiapoque até o Chuí, falando com professores, e parece que nada muda! Nada muda!”.

Quando começaram a surgir projetos de lei altamente medicalizantes, que propunham profissionais de saúde dentro da escola, sendo um deles em São Paulo, houve uma mobilização que partiu do Conselho Regional de Psicologia/SP e que resultou em um grupo de trabalho para discutir, além desse projeto de lei, outras ações. Uma delas foi a organização de um seminário, entre 2009 e 2010, com o intuito de criar o Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade, o que se concretizou em 2011.

Maria Aparecida e Cecília trabalharam ativamente nos três seminários organizados pelo Fórum, participando de todas as ações. Maria Aparecida, inclusive, foi umas que redigiu o Manifesto do Lançamento do Fórum Sobre Medicalização da Educação e da Sociedade¹, que continha uma contextualização sobre medicalização, os princípios e os desafios do Fórum, as entidades e pessoas físicas que assinaram o Manifesto durante o I Seminário, bem como informações sobre as reuniões, em São Paulo, e meios de divulgação das ações.

Entretanto, em 2013, Maria Aparecida e Cecília se desvincularam do Fórum, juntamente com outros integrantes que estavam insatisfeitos com algumas decisões que vinham sendo tomadas. Mas, essa saída não significaria que iriam ficar paradas. O Fórum surgiu em consequência de um trabalho de trinta anos de Maria Aparecida e Cecília, e esse trabalho era contínuo, notório e reconhecido. Elas e outros colegas, alinhados ideologicamente, uniram-se, então, para criar outro movimento social. Nasceu, assim, em 2014 e com sede em Campinas, São Paulo, o Despatologiza.

3. A LUTA DO DESPATOLOGIZA

TDAH, TOD, TEA

¹ Disponível em: <http://medicalizacao.org.br/manifesto-de-lancamento-do-forum-sobre-medicalizacao-da-educacao-e-da-sociedade/>. Acesso em: 10/12/2015.

*Apenas siglas para uns,
Sentença para outros*

*Está fora do padrão?
Haja medicalização
Muitas vezes acompanhada de medicação*

*Normalizar?
Uniformizar?
Homogeneizar?
Não, não, não!
Vamos despatologizar!*

As pessoas que defendem a causa pela despatologização entendem que a sociedade passa por um processo de crescente medicalização da vida. Segundo o Manifesto redigido por Maria Aparecida, quando ainda era integrante do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade, medicalização é,

o processo que transforma, artificialmente, questões não médicas em problemas médicos. Problemas de diferentes ordens são apresentados como 'doenças', 'transtornos', 'distúrbios' que escamoteiam as grandes questões políticas, sociais, culturais, afetivas que afligem a vida das pessoas. Questões coletivas são tomadas como individuais; problemas sociais e políticos são tornados biológicos.

Como é formado por profissionais mais ligados às necessidades das crianças e dos adolescentes, o movimento teve grande foco inicial na medicalização da educação. Todavia, o Despatologiza se preocupa com a medicalização em todos os aspectos da vida, para o que busca modos de atuar e de viver despatologizantes.

Assim, o movimento se pauta em três eixos: científico, político e ético. No campo científico, a produção e divulgação de materiais científicos, técnicos e culturais visa à conscientização da sociedade e à sensibilização de profissionais que possam atuar de maneira não patologizante. Na esfera política, busca a articulação com os poderes Legislativo e Executivo, na luta por projetos de lei despatologizantes, na forma de protocolos de tratamento. A resistência do movimento se baseia em preceitos éticos, sem buscar culpados e não sendo contra a medicina ou os medicamentos. Quando necessários, eles devem ser utilizados. A luta é pelo reconhecimento de que muitas condições passam pelo processo de medicalização, ou seja, são transformadas em problemas médicos sem que sejam.

O grupo Despatologiza é aberto. Quer dizer, qualquer pessoa pode participar, ir e vir, opinar, escutar, conhecer. A ideia é que, se é um movimento, ele comporta todos que se interessarem, e quanto mais pessoas mais despatologização. Ao mesmo tempo, há membros que podem ser considerados permanentes, aproximadamente umas oito pessoas, que estão na linha de frente do movimento. Outros permanentes, mesmo não podendo comparecer às reuniões, são consultados e informados virtualmente.

As reuniões, que ocorrem toda quarta quinta-feira de cada mês, na sub-sede Campinas do Conselho Regional de Psicologia, segundo Rosângela Villar, psicóloga e membro do Despatologiza, não têm pauta prévia. Os tópicos vão sendo definidos mediante o público que comparece. As decisões são tomadas em conjunto, e as sugestões, quando pertinentes, acatadas independentemente de quem as coloque. Se a tomada de decisão puder esperar, os membros do movimento ausentes na reunião, em geral, são consultados por mensagens, e-mails ou outros meios de comunicação. Caso seja de caráter urgente, os decisores se limitam aos que estão presentes na reunião.

Maria Aparecida revela que o Despatologiza é "um movimento que busca construir caminhos, e, se é para construir caminho, o caminho não está pronto, então a gente não pode botar regra antes". Ou seja, a única regra do Despatologiza é que não há regras. Desse modo, não há interferência nas práticas de outros grupos, em locais onde o Despatologiza está surgindo. Há apoio, compartilhamento, mas não a determinação do que deve ser feito. Maria Aparecida e Cecília entendem que cada lugar tem sua própria demanda e que cada grupo deve trabalhar com os recursos objetivos e subjetivos que dispõe, o que inviabiliza qualquer regulamentação de práticas. Não há de se existir cobranças e sim parcerias, e assim vão se formando os grupos do Despatologiza em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Recife, entre outros. Ao mesmo tempo, por serem regidos pelo mesmo discurso e ideologia, quaisquer que sejam os grupos

que venham a se formar, os objetivos que direcionarão os movimentos serão igualmente compartilhados.

4. O DESPATOLOGIZA RAMIFICA E DESABROCHA EM RECIFE

*Na escola algo estranho acontecia
Mas, aparentemente, ninguém percebia
Que muitos comportamentos eram classificados como patologia*

*Supostos problemas de aprendizagem eram medicados
Ficando cada vez mais indiscriminado o uso do metilfenidato
Crianças e adolescentes incriminados de não permanecerem sentados
De serem inquietos, rebeldes e não calados*

*E assim eram tratados
Para psicopedagogos, psicólogos, psiquiatras, neurologistas encaminhados
Antidepressivos e antipsicóticos também eram receitados e novos transtornos diagnosticados*

*Depois de muito com essa realidade se perturbar
Patrícia psicologia foi estudar
Assim, dentro desse novo universo,
De congresso a congresso
Conheceu o que significa despatologizar, Despatologiza*

O movimento de despatologização da vida surgiu para Patrícia Guimarães quando ela estava cursando psicologia, em 2011. Sua então professora e orientadora, e hoje colega no Grupo de Trabalho do Despatologiza, Verônica Carrazone, na volta de um congresso em São Paulo, trouxe consigo um panfleto do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade.

Patrícia adotou medicalização como tema de estudo e o movimento como causa da sua vida. Depois que tomou conhecimento do movimento, engajou-se, primeiro no Fórum, e depois no Despatologiza. Tanto que organizou, em 2012 e juntamente com Verônica, o I Seminário sobre Medicalização, em Recife, para o qual convidou Maria Aparecida, Cecília e Marileide Proença. A intenção de Patrícia era contar para todo mundo que outras pessoas também pensavam como ela, que havia outros caminhos para a educação além do medicar e medicalizar, e que era importante discutir esse tema. A partir daí, aonde tem congresso, aonde tem evento, lá está Patrícia. Ela abraçou a causa.

Esse foi o primeiro passo para levar o Despatologiza para Recife. Em 2014, Patrícia e Verônica organizaram o I Encontro Construindo Vidas Despatologizadas. Em 11 de setembro de 2015, levaram o Despatologiza para dentro do Conselho de Psicologia Regional de Pernambuco, onde o Grupo de Trabalho passou a funcionar, com reuniões quinzenais, às sextas-feiras, quando discutem, estudam e decidem algumas ações a serem feitas para divulgar o movimento de despatologização da vida.

Assim, o Despatologiza Recife segue a mesma lógica de funcionamento de ser um grupo aberto, sem regras, sem estatutos, sem vínculos formais, que se pauta na identificação das pessoas com a causa e que conta com a disposição voluntária de quem se engaja mais diretamente com o grupo. Com isso, é muito centralizado nas figuras de Patrícia e Verônica, embora conte com outras envolvidas, como a estudante Rita e a colega Marineide. Desse modo, o Despatologiza Recife depende, quase que exclusivamente, de Patrícia e Verônica, mesmo contando com o apoio do Despatologiza Campinas, e tem sua própria dinâmica de funcionamento, apesar de tentar manter uma coerência com o grupo original.

5. DESPATOLOGIZA-AÇÃO

*De ação em ação,
Se conquista a despatologização?*

*Formação, projeto de lei em votação, debate e discussão
São algumas das estratégias de atuação
O que mais pode ser feito para aumentar a conscientização?*

5.1 Produção do conhecimento e formação de profissionais

Seguindo os eixos de atuação do Despatologiza, Maria Aparecida, Cecília, Rosângela e Patrícia ex-

plicam que as ações mais importantes do movimento estão na produção de conhecimento, para conscientizar e sensibilizar profissionais e sociedade civil, e no envolvimento com políticas públicas que implementem práticas despatologizantes.

Na esfera da produção de conhecimento, as ações mais frequentes têm sido, além de publicações, no formato de artigos e livros, a organização de eventos que discutem os temas que perpassam a causa da despatologização. Na verdade, a luta do Despatologiza se aproxima de várias causas dos direitos humanos, como as lutas antimanicomial, contra a homofobia e transfobia, pela igualdade de gênero e pela igualdade racial, dentre outras. Assim, Maria Aparecida e Cecília ressaltam que a união de forças traz benefícios para todos. Nesse sentido, os eventos promovidos pelo Despatologiza, juntamente com a Unicamp e o PENSES – Fórum Pensamento Estratégico da reitoria da Unicamp, são pautados em temáticas coerentes com essa ideia. No segundo semestre de 2015, foram organizados três eventos:

- 14 e 15 de setembro – “Ser criança e adolescer em uma sociedade desigual” – evento que perpassava a discussão da despatologização, mas que tinha o foco em outras temáticas sobre a infância e a adolescência.
- 29 e 30 de outubro – “Quando o preconceito tem cor. Reflexões sobre o racismo” – resultado de um convite que receberam e que só podia ser nessa data.
- 16 e 17 de novembro – “Construindo vidas despatologizadas 2” – segundo em parceria com o PENSES, mas o quinto nessa temática, em conjunto com a Unicamp.

O primeiro, que ocorreu em setembro, teve, segundo Rosângela, um público mais abrangente, mas que foi diminuindo, ao passo que o terceiro já não correspondeu às expectativas nesse sentido. Maria Aparecida e Cecília avaliam como fatores de influência, além das datas próximas (mas que eram as únicas possíveis), algumas questões operacionais como o fato das inscrições só terem sido abertas uma semana antes, por certas dificuldades com a própria Unicamp, relacionadas à verba destinada ao evento.

De fato, a luta do Despatologiza se apoia em muitas forças institucionais, que atuam como parceiros das suas ações. A Unicamp, instituição a qual pertencem Maria Aparecida e Cecília, é uma dessas forças. O Fórum PENSES é da reitoria. O SindiMed e o SinPsi, sindicatos dos médicos e dos psicólogos, respectivamente, também são parceiros do Despatologiza, além do CRP-SP, Conselho onde ocorrem as reuniões mensais. Na Argentina, o Forum Infancias, que trabalha a patologização e medicalização da infância é um grupo com o qual o Despatologiza articula e troca conhecimentos. Essas parcerias não somente ajudam na execução das ações do Despatologiza, mas lhes confere respaldo, e, como aponta Rosângela, fazem “eco”.

Todavia, embora entendam a importância desse tipo de evento, que gera atenção e atinge um grupo maior de pessoas, Maria Aparecida, Cecília e Rosângela ressaltam, como uma das ações mais significativas desse eixo, a formação de profissionais. Cecília destaca que há tempos elas sabem que a formação do pediatra, do médico e do professor é muito importante, de modo que esses profissionais sejam capacitados em uma perspectiva despatologizante. Então, elas sempre tentaram oferecer cursos, os quais, naquela primeira época, ocorriam no Brasil inteiro, com duração mínima de uma semana. Agora, nessa segunda época, a estratégia mudou um pouco, e Cecília acha que funciona melhor, com cursos de dois, três dias, para os quais as pessoas fazem a leitura prévia dos textos e trazem exemplos de casos para discussão.

As Secretarias de Saúde têm solicitado cursos, palestras, assessorias, e tanto Cecília quanto Maria Aparecida entendem que essa é uma ação primordial do eixo de atuação, sendo até mais importante do que a promoção de eventos. Isso porque, elas consideram que o evento é mais rápido, e mesmo que as discussões ocorram de maneira mais aberta, para a sociedade civil, as atuações essenciais são no que se referem à formação e às políticas públicas.

5.2 O Protocolo de Dispensação do Metilfenidato

Com efeito, a maior conquista de uma ação na esfera pública por iniciativa do Despatologiza foi a implementação do Protocolo de Dispensação do Metilfenidato, medicamento prescrito amplamente para crianças e adolescentes diagnosticados com TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Em 2000, 71.000 caixas de metilfenidato foram vendidas no Brasil; em 2010, a quantidade era de 2.000.000, ou seja, houve um aumento de 775% no consumo desse medicamento no país. Alarmantes, porém, são os efeitos que o uso desse medicamento provoca, principalmente quando são administrados em crianças e adolescentes.

Panfleto de divulgação do Protocolo de Dispensação do Metilfenidato (frente)

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE CAMPINAS
implanta Protocolo com Normas para o tratamento de TDAH

Uma política pública, cientificamente embasada, melhora a qualidade do atendimento à saúde

A implantação do protocolo do Metilfenidato se deu pelo aumento descontrolado de indicação desta medicação para crianças e adolescentes em Campinas. Um grupo de profissionais da SMS - pediatras, psiquiatras, psicólogos, farmacêuticos, enfermeiros, ... - se reuniu e elaborou o Protocolo, que está disponibilizado na página da Prefeitura Municipal de Campinas - SMS/protocolos.

Assim, essas crianças e adolescentes passaram a ser efetivamente cuidadas; com isso, a dispensação do Metilfenidato teve redução significativa. Esses resultados nos mostram que estamos no caminho certo, na construção de uma atenção despatologizante à nossa infância e juventude. Além disso, podem servir de modelo para outros municípios e também para se pensar em políticas semelhantes para outras substâncias/ medicações, em uso abusivo em nossa sociedade.

O protocolo foi criado por um grupo de trabalho que discutiu e elaborou o documento, com pessoas da pediatria da Unicamp, da rede e ligadas ao Despatologiza. A articulação política foi essencial para que conseguissem implementá-lo. Rosângela, como servidora, conseguiu apoio da coordenadora da Saúde Mental da Prefeitura de Campinas, e foi lá que o protocolo foi implementado primeiro. Posteriormente, o mesmo aconteceu em São Paulo, mesmo diante de algumas dificuldades, com enfrentamento de muitas instituições.

Maria Aparecida e Cecília comemoram esse feito com muito orgulho. Elas entendem que o importante não é a redução da prescrição do remédio em si, que diminuiu de 186 mil, em 2012, para 18 mil, em 2015, mas a mudança de tratamento. Trocou-se a manipulação de um medicamento pelo acolhimento e cuidado à criança e ao adolescente, identificando quais suas necessidades, independentemente de qualquer diagnóstico. Assim, verifica-se o que é preciso, individualmente, e estabelece-se um projeto terapêutico singular com uma equipe para essa criança ou adolescente. Com isso, foi identificado que tem havido uma mudança no acolhimento, no modo de tratar, que é o mais importante.

Consequentemente, em função de Campinas e São Paulo, o Ministério da Saúde soltou a recomendação sobre o uso do metilfenidato. Maria Aparecida revela que o coordenador da Área da Saúde da Criança, do Ministério da Saúde, é um pediatra que foi aluno seu aluno, ou seja, é da Unicamp, muito próximo a elas, e esteve com Rosângela em uma reunião na Secretaria de Saúde, discutindo. Disso resultou a divulgação dessa recomendação.

A articulação política, portanto, com vereadores, como é o caso de Pedro Tourinho, com as Secretarias de Saúde e com outras Prefeituras é algo que os membros do Despatologiza sabem fazer. Além disso, participam ativamente de audiências públicas, por causa de projetos de lei medicalizantes. Maria Aparecida, inclusive, já foi convidada para criar outros protocolos para outros tipos de drogas. E essas são as ações, no âmbito de políticas públicas, mais relevantes.

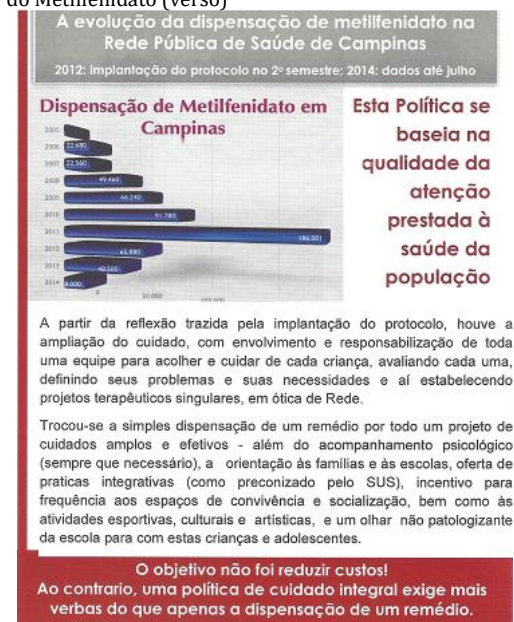
5.3 O Despatologiza e a sociedade civil

A rede social Facebook é o canal de maior comunicação entre o Despatologiza e a sociedade civil. É na sua *FanPage* que o Despatologiza divulga os eventos e as ações do movimento, bem como textos, vídeos e matérias sobre as temáticas vinculadas à sua causa e, diariamente, são observadas novas curtidas.

A gestão do conteúdo veiculado na *FanPage* é feita por Maria Aparecida, Cecília, Rosângela, Patrícia, e outros membros. Ou seja, as ações do Despatologiza, sejam de Campinas, Recife ou Belo Horizonte, são divulgadas em um único meio, o que confere agregação ao movimento e abrangência na sua atuação. A atualização desse conteúdo é constante e restrito ao que é pertinente à causa, com questões técnicas, teóricas e culturais, e ao Despatologiza.

Desse modo, são postadas fotos e vídeos das palestras, das rodas de conversas, das manifestações artísticas e culturais que ocorrem nos eventos, em tempo real, o que torna essa mídia social um veículo de grande importância para o movimento. É por ela, também, que se divulgam, dos eventos, os *links* para inscrições e para as transmissões ao vivo que são feitas pelo portal da Unicamp.

Panfleto de divulgação do Protocolo de Dispensação do Metilfenidato (verso)





FanPage.Disponível em: < <https://www.facebook.com/despatologiza/?fref=ts>>. Acesso em: 22 nov 2015

Por meio de mensagens no Facebook, muitas mães procuram informações sobre questões patologizantes, como o TDAH, por exemplo. Esse contato, inicialmente virtual, pode se estender para o pessoal, pois Maria Aparecida explica que, quando a logística permite, as mães são convidadas para conversarem pessoalmente. Ainda, as crianças podem ser avaliadas, não para dizer que não precisam do remédio, se estiverem tomando, mas para acolher e tentar dar encaminhamento, seguindo a lógica do projeto terapêutico singular. O Facebook, portanto, é a maior fonte de informações sobre o Despatologiza: sua causa social, as suas ações, e possíveis formas de educação da população.

Outra ação de aproximação com a sociedade é no formato de eventos de praça ou de rua que oferecem práticas integrativas. Rosângela diz que são convidados profissionais do SUS, que “graciosamente se agregam a essa proposta e vão fazer dança circular, movimento vital expressivo, reike, do-in, meditação, relaxamento, tudo, mandala, tudo aquilo que acontece nos equipamentos de saúde do município”. Tudo isso na praça e com a bandeira do Despatologiza.

O movimento possui um site, mas por dificuldades de tempo para fazê-lo funcionar, ele ainda não tem sido utilizado. Esse é um projeto que Juliana Garrido, do Despatologiza Belo Horizonte, vai tocar daqui para frente. Decorrente do site, por enquanto, apenas os contatos por e-mail, que são respondidos por Rosângela, dando as informações solicitadas. De fato, Maria Aparecida reconhece que as ações do movimento não se baseiam em um planejamento estratégico, mas na necessidade mais urgente e nas possibilidades de atuação do momento. Dá para fazer? Então se faz. Se não dá, espera-se para quando for possível.

Outra ação que tem ocorrido com frequência é a disponibilidade para a procura de trabalhos acadêmicos. Cada vez mais são concedidas entrevistas pelos membros do Despatologiza para estudantes de diversos cursos superiores, tanto em nível de graduação como de pós-graduação, e isso também dissemina tanto a causa quanto o movimento. São, ainda, aceitos convites para palestras e cursos, e, quando ocorrem na região de São Paulo, Rosângela afirma que os parceiros são inseridos, para que o movimento ganhe visibilidade e as parcerias se estreitem.

Em termos de material impresso, o movimento possui apenas um panfleto institucional de divulgação. Os demais são elaborados com foco nos eventos, com programação ou com informes. Assim, são distribuídos pessoalmente, quando há algum evento, ou veiculados na *FanPage* do Despatologiza.



Site. Disponível em: < <http://www.despatologiza.com.br/>> Acesso em: 22 nov 2015.

5.4. Recursos

O Despatologiza não possui um órgão financiador. Existem muitas parcerias, mas as ações são também financiadas coletivamente pelos profissionais do Despatologiza. Há uma arrecadação proveniente da venda de imãs e adesivos com a logomarca do movimento, e do repasse integral ou parcial dos lucros com a venda de livros, em geral de Maria Aparecida e Cecília, que ocorrem durante os eventos, muitas vezes. Assim, os recursos financeiros são sempre angariados, de acordo com as necessidades, mesmo que haja parcerias já formadas pelo Despatologiza

Há, também, muitas ideias que ainda não foram colocadas em prática, por falta de tempo mesmo, como é o caso da fabricação de bonecas da logomarca ou outros artefatos como fronhas e canecas, por exemplo. A própria logomarca foi desenvolvida por uma artista plástica, não de maneira gratuita, mas

Panfleto institucional

Despatologiza
Movimento pela Despatologização da Vida

DESPATOLOGIZA
MOVIMENTO PELA DESPATOLOGIZAÇÃO DA VIDA

Quem somos:
Somos pessoas que atuam em diferentes áreas (saúde, educação, assistência, política, e ...) que, a partir de um olhar crítico, assumem enfrentar os processos de patologização da vida, buscando modos de atuar não patologizantes. Somos um grupo aberto, com o intuito de sensibilizar, refletir, construir saberes e práticas despatologizantes. Também organizamos eventos, cursos, palestras; produzimos e divulgamos materiais científicos, técnicos e culturais visando a despatologização da vida.

facebook: Despatologiza
Movimento pela Despatologização da Vida

Reuniões abertas

ONDE NOS REUNIMOS: na sub-sede Campinas do Conselho Regional de Psicologia, localizada à Rua Frei Manuel da Ressurreição, 1251 - Guanabara

QUANDO: reuniões mensais, toda quarta 5a feira do mês, às 18 horas.

CONTATO: despatologiza.campinas@gmail.com

por um valor abaixo do usual. Esses seriam outros meios de obter recursos financeiros.

Em termos de recursos humanos, Rosângela acredita é preciso que haja “mais agregação, [...] porque tem muita coisa para fazer, mas têm poucas pernas, braços e cabeças, e aí você fica limitado”. Há muita demanda de convites para eventos, cursos, mas certa dificuldade de agenda, por exemplo. Assim, se há mais gente envolvida, há maior possibilidade de abrangência de atuação do Despatologiza. Isso prejudica a formação de profissionais na perspectiva despatologizante, outro recurso ainda escasso, pois é preciso profissionais que trabalhem, reflitam e disseminem essa lógica.

No caso de Campinas, as condições de atuação têm sido favoráveis, como revela Rosângela, justamente porque contam com integrantes reconhecidos, como Maria Aparecida e Cecília, que possuem mais de trinta anos de produção teórica, e com diversos parceiros de renome institucional. Isso, embora não elimine as dificuldades de enfrentamento, ajuda nas conquistas pela luta e amplia o discurso e a prática despatologizantes. O mesmo, todavia, não acontece em Recife.

5.5 Despatologiza-ção em Recife

Principalmente por ter sido formado há pouco tempo, o Despatologiza Recife ainda está consolidando suas ações. A atuação no eixo científico, de produção e formação não ocorre, tendo em vista que, enquanto o grupo de Campinas está nessa discussão há trinta anos, Patrícia e Verônica seguem estudando as temáticas da medicalização, apropriando-se cada vez mais de conceitos e teorias. Por isso as reuniões ocorrem quinzenalmente e tem um foco grande nas discussões de textos. Patrícia possui alguns trabalhos sobre o tema e um vasto conhecimento prático da medicalização da educação.

De fato, a atuação do movimento ocorre por meio das reunião do grupo de trabalho e de eventos como o II Encontro Construindo Vidas Despatologizadas, em 26 de novembro de 2015, em Recife, no qual contaram com a participação de Maria Aparecida e Cecília. Os demais palestrantes, assim como o grupo cultural que se apresentou, eram parceiros locais, como Grace Wanderley, do grupo Libertas. Patrícia e Verônica contaram com o Coletivo de Estudantes de Psicologia de Pernambuco, o CEP/PE, que atuaram como voluntários na execução do evento.

No dia seguinte, 27 de novembro, seguiram para Caruaru, onde promoveram o I Encontro Construindo Vidas Despatologizadas. No dia 29, o Despatologiza estava no Marco Zero, ponto histórico de Recife, com uma ação de rua, incentivando atividades infantis lúdicas, como pula corda, roda pião, pintura, elástico, peteca, ciranda e maracatu.

Essa série de eventos teve início com a participação do Despatologiza, nas figuras de Patrícia, Maria Aparecida e Cecília, na audiência pública que foi solicitada pelo Conselho Regional de Psicologia de Pernambuco (CRP-02) à Assembleia Legislativa de Pernambuco, sobre o tema “Construindo Vidas Despatologizadas”, com intuito de implantar o Protocolo de Dispensação do Metilfenidato no Estado e que ocorreu no dia 25 de novembro de 2015. A articulação política foi realizada com a deputada Tereza Leitão, presente também no evento do dia 26.

Entretanto, muitos foram as dificuldades de recursos. A realização foi do CRP-02, do qual Patrícia e Verônica são integrantes. Mas, houve grande impasse sobre o local que sediaría o evento, considerando os recursos e as necessidades. Por fim, conseguiram o apoio da Faculdade FAFIRE, onde ocorreu, e contaram com a parceria do Libertas, do CEP/PE, da ABEP – Associação Brasileira do Ensino de Psicologia e da Assembleia Legislativa de Pernambuco.

II ENCONTRO "CONSTRUINDO VIDAS DESPATOLOGIZADAS"	
Dia 26/11/2015 FAFIRE	
14h às 15h	Abertura Hermes Azevedo - Conselheiro Presidente do CRP-02 Representante da FAFIRE Deputada Tereza Leitão - ALEPE Tatiana Maurano - Comissão de Direitos Humanos - CRP-02 Patrícia Guimarães - Grupo de Trabalho Despatologiza - CRP-02 Verônica Carrazzone - ABEP Emanuela Romão - CEP/PE Coletivo de Estudantes de Psicologia de Pernambuco
15h às 17h	Construindo Vidas Despatologizadas Maria Aparecida Moysés - UNICAMP Debatadora: Cecília Colares - UNICAMP
17h às 18h	Intervalo
18h às 19h30	Consciência Corporal e Despatologização da Vida Grace Wanderley - Libertas Silvana Oliveira - Libertas
19h30h às 21h	Familiaridade da Medicação e Estranhamento da Infância Bruno Santana - CAPSI Ciranda de Vida NINAR Marcelo Leite - IMIP, FAFIRE Severina Silvia Ferreira - IPB NINAR
21h	Encerramento

Realização
Conselho Regional de PSICOLOGIA

Apoio
FAFIRE, CEP/PE, ABEP, UNICAMP, IPB NINAR, IMIP, LIBERTAS

Programação do II Encontro “Construindo Vidas Despatologizadas”

Patrícia tem muitas ideias que não conseguiu colocar em prática, muito em função da falta de recursos financeiros e humanos, como ter um site para difundir mais o tema e criar uma rede de profissionais, sensibilizando-os sobre a medicalização e seus efeitos. Ela se pergunta do que adianta conscientizar as pessoas sobre a medicalização se não há profissionais que atuam na perspectiva despatologizante.

Com efeito, Patrícia revela que o fato do movimento não ter um CNPJ limita muito sua atuação em Pernambuco, posto que não tem como solicitar recursos ou mesmo criar parcerias quando esse registro é demandado. Essa foi uma das preocupações que transmitiu para Maria Aparecida e Cecília, informando-as, por exemplo, que recebeu um convite para o Despatologiza Recife integrar o Movimento Nacional de Direitos Humanos, para o que precisaria de um CNPJ. A formalização entra em discussão.

6. DESPATOLOGIZA: ASAS OU RAÍZES?

*Não havemos de nos perder
Não há querer pelo poder
Aqui, o único poder é o fazer*

*Minha causa é minha paixão
Minha causa não pode ser prisão*

*É possível voar
E ao mesmo tempo os pés fincar?
Se queremos para o Brasil todo despatologizar
Para o movimento ampliar
É necessário formalizar?*

No Despatologiza não há hierarquia, não há regimento, não há obrigações formais. A união dos seus integrantes ocorre em razão da luta pela mesma causa, de maneira voluntária. Desse modo, surgiu a discussão sobre uma possível formalização do movimento. Seria vantagem transformar o Despatologiza em um instituto ou em uma ONG?

No formato atual, até despesas com a venda de livros, na forma de impostos, são contabilizadas para a pessoa física de Cecília, quando são de sua autoria. Diante disso, em consulta sobre alternativas com o seu advogado, ele disse que as melhores opções eram permanecer como pessoa física ou mudar para instituto.

Rogério Gianinni, do SinPsi, ficou bastante entusiasmado com a ideia, pensando nas ações que poderiam desenvolver, como produzir os DVDs dos eventos, que são gravados pela Unicamp, mas que demora para que eles consigam disponibilizar, e publicar livros, que teriam valores ainda mais acessíveis; Cecília e Maria Aparecida publicaram o último por conta própria, e o livro que, pela editora custaria R\$80,00 tem custado R\$45,00. E, mais do que isso, o movimento deixaria de depender da adesão de parcerias e da captação de recursos individuais.

A própria questão da formação, como ressalta Rosângela, seria possível em lugares carentes de recursos para financiar a ida dos membros do Despatologiza, para promoção de cursos e palestras, caso houvesse a formalização do movimento. Além disso, um instituto poderia abranger os demais grupos que têm se formado no Brasil.

Mas, mesmo com esses aspectos positivos, ainda há muito o que se conversar. Primeiramente, para Cecília, depende do grupo que formaria a diretoria, que, conforme indicação do seu advogado, seria composto por pelo menos cinco integrantes. Assim, naquele cenário paradisíaco de Porto de Galinhas, Cecília, Maria Aparecida e Patrícia conversam sobre isso:

— Eu estava pensando que, talvez, a gente pudesse ter uma carta de princípios... mas ainda isso não existe, é um pensamento que ainda tem que passar por uma reunião, não é uma coisa consensual... – diz Cecília

— Eu mesma não sei se concordo – Maria Aparecida intervém

— É, a Cida tem dificuldades. Eu acho assim... – rebate Cecília

— A Cida tem dificuldades é ótimo – Maria Aparecida responde, interrompendo Cecília

— A Cida tem dificuldades, ela tem distúrbio – repete Cecília, brincando

— Tem distúrbio... transtorno de concordância – Maria Aparecida continua a brincadeira

— Eu tenho a impressão que a gente vai discutir muito isso. Mas se a gente tivesse uma carta de princípios simples, contendo alguns que são fundamentais, uma vez que os membros daquele grupo concordassem com esses princípios, se tornariam Despatologiza. Depois, eles iriam trabalhar sem ferir aqueles princípios, porém fazendo as atividades que pudessem ser feitas, entendeu? Acho que dá mais segurança para as pessoas que vão começar um trabalho. Como você vê isso? – pergunta Cecília a Patrícia.

— Eu acho interessante – concorda Patrícia

— Você não tem o transtorno de concordância – brinca mais uma vez Maria Aparecida.

E todas riem, sabendo que ainda há muito o que se discutir. Mas isso ficaria para depois. Agora, o mar azul esverdeado as chama.